

Por fim, o autor conclui dizendo que se a ciência pretende "desvelar" a natureza e possuir a verdade nua, ela está esvaziando o conhecimento de seu sentido. Como a própria etimologia da palavra mostra, o véu é que revela. É, portanto, preciso, envolver a natureza com o véu dos nossos discursos.

Considero bastante interessantes as análises que o autor faz em relação ao conhecimento científico, principalmente no que se refere à sua origem localizada e à sua desmedida pretensão de universalidade. Por meio de exemplos de realizações e controvérsias científicas, o autor ilustra suas considerações e cita autores que corroboram suas interpretações acerca da empreitada científica. A esse respeito, os textos em anexo são bastante ilustrativos na medida em que mostram diferentes visões de um mesmo problema. Porém, a sua proposta de superação da ideologia cientificista por um lado e do relativismo exacerbado por outro, não é algo tão brilhante como foram suas análises. A velha fórmula platônica e aristotélica do justo meio entre dois extremos, permanece sendo uma proposta muito vaga de democratização do saber, haja vista que o diálogo, como o próprio autor já afirmou, não é apenas uma forma de se expor, mas também de se impor, o que resultaria em um universalismo com uma nova roupagem.

BRINQUEDO E CULTURA

*Patrícia Dias Prado**

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. - São Paulo: Cortez, 1995. - (Coleção Questão da Nossa Época; v. 43), 110 pp.

"O brinquedo merece ser estudado por si mesmo, transformando-se em objeto importante naquilo que revela de uma cultura."

Associando brinquedo e cultura, onde o primeiro é considerado como produto de uma sociedade dotada de traços culturais específicos e revelador desta própria cultura, o autor retrata

assim, o brinquedo, inserindo em um sistema social e portador de funções sociais e de significados que remetem a elementos do real e do imaginário das crianças.

Com o objetivo de compreender o funcionamento social e simbólico do brinquedo, através de exemplos variados e de perspectivas diversas, Brougère retrata, num primeiro momento, as brincadeiras como forma de interpretação de significados contidos nos brinquedos e estes portanto, como suporte de representações, que contribuem para a socialização das crianças e permitem o acesso aos códigos culturais e sociais necessários para a formação do indivíduo social.

Num segundo momento, evidenciando os diferentes aspectos do sistema de significados transmitidos pelos brinquedos, o autor aponta para o fato de que o brinquedo, além de sintetizar a representação que a sociedade tem da criança, ou seja, qual ou quais conceitos de infância a sociedade possui, também permite, enquanto objeto complexo, a compreensão do funcionamento da cultura. O autor trabalha mais especificamente aqui, com uma discussão despretenciosa sobre a boneca industrializada, enquanto espelho da sociedade, buscando compreender o que ela reflete e como reflete.

Abordando, em seguida, o papel do brinquedo na impregnação social da criança, assim como as relações entre os brinquedos, as brincadeiras e a televisão, o autor lança interrogações sobre os efeitos do brinquedo sobre a criança e sobre as influências diretas da televisão nas brincadeiras infantis.

Na verdade, a brincadeira permite a descarga das emoções acumuladas durante a recepção televisiva, a tomada de distanciamento com relação às situações e aos personagens, *a invenção e a criação* em torno das imagens recebidas. (60)

E finalmente, num último momento, Brougère busca uma tentativa de compreensão

* Mestranda da Faculdade de Educação da UNICAMP

do sentido das brincadeiras de guerra, onde a criança confronta-se com a violência humana em nível simbólico, descobrindo e desvendando assim, mais uma partede sua cultura.

Propondo uma reflexão sobre os significados que a criança, como sujeito ativo, atribui ao brinqueado nos momentos das brincadeiras, confrontando imagens que traduzem a realidade que a cerca e que propõem universos imaginários, com representações de formas diversas e variadas, esta obra destina-se àqueles que se interessam pelas questões relativas ao brinqueado e as brincadeiras e às suas relações com a educação infantil e com o mundo da cultura.

A contribuição fundamental da presente obra, portanto, vem no sentido de considerar a existência de uma cultura infantil, de uma cultura da criança, de várias culturas das crinaças.

A PEDAGOGIA FREINET: NATUREZA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

*Eloisa A. C. Rocha**

NASCIMENTO, Maria Evelynna Pompeu do. *A Pedagogia Freinet: Natureza, Educação e Sociedade*. Campinas, S.P: Editora da UNICAMP, 1995, 79 pp.

A repercussão do trabalho do educador francês Célestin Freinet no Brasil percorreu caminhos contraditórios. Talvez tão contraditórios quanto o próprio conteúdo e o contexto de construção de sua obra.

Embora, geralmente ausente dos currículos das escolas de formação de professores, mesmo em períodos mais atuais, Freinet sustentou, sobretudo nas décadas de 70 e 80, boa parte das iniciativas de consolidação de projetos de educação “alternativa” presentes na maioria dos centros urbanos brasileiros. Estas experiências, seja por sua natureza revolucionária, seja pelas próprias estratégias pedagógicas que propunham, pareciam dar respostas concretas àqueles que buscavam se contrapor aos tradicionais modelos educativos pautados na

individualidade, na submissão e na reprodução de modelos únicos.

É exatamente neste contexto que a autora situa a sua própria experiência como educadora, da qual resultou o trabalho de pesquisa que originou este livro, onde ela busca refletir sobre as bases, as concepções, e as contribuições da pedagogia e do pensamento de Freinet, que conforme bem indica no início do trabalho, é “um pensamento construído através de experiências concretas conselhos práticos, sonhos e reflexões, citações bíblicas, expressões de humor e de poesia” (p. 14).

Com o intuito de propiciar o acesso a alguns dos conceitos mais recorrentes da obra de Freinet (natureza, liberdade, trabalho, cooperação, felicidade, harmonia), Maria Evelynna organizou este livro de 79 páginas, basicamente em três partes: I. A Pedagogia Freinet; II. Educação e História, e, III. Por uma avaliação crítica de Freinet. Cada uma destas partes compõe-se de sub-itens responsáveis por um desenvolvimento mais específico dos temas.

A primeira parte dá ao leitor uma visão geral das técnicas Freinet e de seus fundamentos calcados nas idéias de natureza, de ênfase na sensibilidade e de indissociabilidade do individual e do coletivo. A autora entende que uma trajetória de vida marcada pelo contexto de pós-guerra e de fortalecimento de regimes totalitários instigou Freinet a construir um projeto educativo original, criando ações pedagógicas baseadas no trabalho, na vida, na construção e na cooperação. Para ele era preciso captar a vida das crianças, tomando a educação significativa com técnicas que possibilitassem a entrada da realidade social na escola, pois “só a vida educa”. Daí suas técnicas pedagógicas (da aula-passeio e do texto-livre à imprensa e à correspondência inter-escolar), serem pautadas na liberação do pensamento e da criatividade e nascerem da experiência vivida e não de uma formação acadêmica. Ao orientar-se pela idéia da “prática a partir da vida”, como bem identifica esta obra, Freinet pretende, a exemplo

* Doutoranda da Faculdade de Educação da UNICAMP